
ESCRITAS DE AMIZADE E CUIDADO NOS TEMPOS PRIMEIROS DA AIDS: MICHEL FOUCAULT E HERVÉ GUIBERT

WRITINGS ON FRIENDSHIP AND CARE IN THE EARLY TIMES OF AIDS: MICHEL FOUCAULT AND HERVÉ GUIBERT

REGIANE LORENZETTI COLLARES

Universidade Federal do Cariri

JOÃO HEULER AGOSTINHO DE SÁ

Universidade Federal do Cariri

Resumo: Este artigo aborda o ato de escrever como um modo de cuidado no enfrentamento das dores e angústias de dois amigos que viveram com o vírus HIV nas sombrias décadas de 1980-1990, a saber, o filósofo Michel Foucault e o escritor Hervé Guibert. A escrita de si é então trazida, em um plano filosófico, como exemplo do “cuidado de si” (*epimelesthai seautou*) praticado amplamente durante os séculos I e II de nossa era pela civilização greco-romana. Já de uma perspectiva literária, a partir dos diários de hospitalização de Hervé Guibert, evidenciamos também um contínuo exercício vital de resignificação tanto das “imagens fantasmas” como das “metáforas da aids” dado pelo ato da escrita.

Palavras-chave: aids; escrita de si; Foucault; Hervé Guibert.

Abstract: This article addresses the act of writing as a form of care in facing the pain and anguish of two friends who lived with the HIV virus in the dark decades of 1980-1990, namely, the philosopher Michel Foucault and the writer Hervé Guibert. Self-writing is then brought up, on a philosophical level, as an example of “care of the self” (*epimelesthai seautou*) widely practiced during the 1st and 2nd centuries of our era by Greco-Roman civilization. From a literary perspective, based on Hervé Guibert's hospitalization diaries, we also evidence a continuous vital exercise of resignification of both “ghost images” and “AIDS metaphors” given by the act of writing.

Keywords: AIDS; Self-Writing; Foucault; Hervé Guibert.

1 INTRODUÇÃO

Era o obscuro desejo cultivado por toda a pessoa que escreve. É verdade que o primeiro texto que se escreve não é nem para os outros nem porque se é o que se é: escreve-se para ser diferente do que se é. Há uma modificação de sua maneira de ser que se busca através do fato de escrever.

Michel Foucault

Neste artigo que marca os 40 anos da morte de Foucault, ocupar-nos-emos nesta edição da *Revista Passagens* da artesanaria de escritas vinculadas ao cuidado de si e, de modo mais específico, das narrativas que se teceram a partir da experiência-limite da aids, de escritores que atravessaram os tormentos, as dores e angústias trazidas pela situação de viverem com o vírus HIV nas sombrias décadas de 1980 e 1990.

É, portanto, com Hervé Guibert (1955-1991), escritor e fotógrafo francês, também amigo de Foucault, que aqui abordaremos não apenas o texto em que narra os últimos dias de vida e de agonia do seu amigo filósofo, em *Ao amigo que não me salvou a vida*, como seu próprio diário de internação hospitalar intitulado *Cytomégalo vírus*, perseguindo um jeito de escrever que se conjugou à sua luta para continuar vivo e a uma prática singular de cuidado.

Nesse sentido, além de destacarmos, por um lado, a escrita desses dois grandes amigos (um, filósofo – que também morreu em decorrência da aids em 1984 –, outro, escritor e fotógrafo) como uma forma de estabelecimento de atitudes de cuidado, ressaltamos, por outro lado, o estabelecimento de uma amizade que foi se tecendo sob o mesmo “destino tanatológico” (Guibert, 2023, p. 84). A atitude de escrever, no caso de Foucault e Hervé, é aqui tomada como ressignificação de existências que no limite da vida e da morte puderam se verter no enfrentamento dos olhares preconceituosos e estigmatizantes voltados aos corpos marcados e condenados pelos prazeres vivenciados.

Pode-se dizer que as passagens textuais de Hervé Guibert, colocadas aqui em cena sob a forma de diário, nos ligam à pesquisa foucaultiana sobre um modo de escrita que indica se aproximar das tecnologias de si dadas na Antiguidade; tecnologias que, em linhas gerais, permitiram, nas palavras foucaultianas, “aos indivíduos efetuarem,

sozinhos ou com a ajuda dos outros, certo número de operações sobre o seu corpo e sua alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser” (Foucault, DE IX, p. 266/DE II, p. 1604).

Em termos gerais, a “escrita de si” que foi tratada pelo pensamento de Michel Foucault e vinculada ao cuidado de si (*epimelesthai seautou*), consistiu numa prática em que estava em jogo a própria experiência de enfrentar situações de crise. Noutras palavras, a experiência da escrita, nesse caso, seria uma atividade encarada como um posicionamento singular contra a sujeição a discursos alheios e de transformação, considerando que “o ato de escrever intensifica e aprofunda a experiência de si. Todo um campo de experiências, que não existia antes, se abre” (Foucault, de IX, 2014, p. 275/ DE II, p. 1613). Ou, em consonância com Foucault, segundo a historiadora Margareth Rago, a escrita de si podia ser compreendida como “um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é” (Rago, 2011, p.5).

Diante disso, o tema da escrita de si foi abordado no conjunto da pesquisa foucaultiana a partir de uma série de textos, tais como pequenas sentenças, cartas, recomendações, diários, datados dos séculos I e II de nossa era. Nesses textos, geralmente oriundos de filósofos estoicos, destacavam-se orientações gerais em que cada existência singular se colocava na posição de rever a própria vida e enfrentá-la em suas adversidades. Isto é, o voltar-se a si, compreendido como uma *tekhnē*¹, também se implicava a vínculos éticos de amizade. Portanto, a escrita voltada a si alcança uma preocupação consigo e com os outros, “prestar atenção às nuances da vida”, ampliando assim as chances de barrar a intrusão arbitrária e desmedida de governos alheios no governo de si.

Também não se pode deixar de levar em conta que a abordagem da escrita, no contexto da antiga cultura greco-romano, vem a ser ressaltada por Foucault no período

¹ Mesmo reconhecendo não ser fácil definir conceitualmente o que seria uma *tékhnē* antiga, formulada a princípio pelos gregos, Foucault não se omite de apresentá-la sob uma definição geral: “São técnicas, ou seja, procedimentos regulados, maneiras de fazer que foram pensadas e destinam-se a operar certas transformações num sujeito determinado. Essas transformações estão subordinadas a determinados fins que está em causa alcançar através das referidas transformações. Por tanto, operar num objeto determinado transformações visando a certos fins é a definição grega, e, digamos, a definição geral de *tékhnē*” (Foucault, 2016, p. 225)

em que ainda há um trabalho *in progress* não apenas da história da sexualidade, como do surgimento de uma hermenêutica do sujeito na cultura ocidental; isto é, tratar a temática da escrita se coliga a um campo de pesquisa surgido do fato da verdade do sujeito estar assentada no desejo e no empreendimento de uma vontade de saber direcionada também às condutas sexuais.

Desse modo, viveríamos em um contexto de práticas e saberes sob a obrigação de dizer ou confessar a verdade sobre o sexo e, por conseguinte, sobre nós mesmos, sobre nossos desejos. Destarte, tal obrigação, já observada no ato da confissão cristã, teria sido então assimilada e “atualizada” pelos dispositivos oriundos das ciências sexuais (*scientia sexualis*); dispositivos que se impuseram como uma prática médica “insistente e indiscreta” a partir do final do século XIX. (Foucault, 1988, p.62).

Longe então da “obrigação de fazer passar regularmente pelo fio da linguagem o mundo minúsculo do dia a dia, as faltas banais, as fraquezas mesmo imperceptíveis” (Foucault, de IV, pp. 212-213/de II, p. 245)², como afirma Foucault em *A vida dos homens infames* (1977), a escrita que é enfatizada no panorama da cultura antiga dos séculos I e II indica ser aquela que se dá como um antídoto e um exemplo de cuidado diante da interferência de discursos alheios nos modos como decidimos levar a nossa existência e, principalmente, no modo de nos relacionarmos com nossos prazeres.

Não à toa que em outro texto de 1983, intitulado “As escritas de si”, Foucault comesse por destacar o primado da escrita estabelecido por Atanásio³, pois, segundo este pensador da Patrística, é escrevendo que encontramos um caminho seguro capaz

² Quanto às referências aos *Ditos e Escritos*, primeiro apontaremos as indicações da publicação brasileira pela Forense Universitária, depois da edição francesa Gallimard, publicada em 2017.

³ Polemista hábil, Atanásio (295-373), destacado na Patrística, foi um ilustre padre da Igreja: considerado o maior batalhador na defesa do Credo de Nicéia, o pilar da ortodoxia católica, revelando no decorrer de sua obra os motivos pelos quais escrevia; ele foi “perseguido, atacado por todos os modos, soube se defender vigorosamente com seus escritos, convencido que a sua causa estava intimamente unida à defesa da ortodoxia católica. Seus escritos são apologias pessoais, vivas, quentes, recheadas de fatos, de argumentos, de provas. Guardou todas as cartas que lhe endereçaram. Copiou todas aquelas que enviou a outros. Desse modo, “constituiu um importantíssimo “dossier” cheio de documentos, de éditos imperiais, de reuniões episcopais, de processos verbais de funcionários, de símbolos conciliares e sinodais. Suas obras são tão cheias de detalhes minuciosos, tão cheias de textos oficiais, que se pode pensar tratar-se de um autor que viveu na mais serena e imparcial das histórias”. Sendo assim, Antão, o pai dos monges — na forma de uma vida, foi biografado e ficcionalizado por Atanásio no texto *Vida de Antão*, trazendo “os traços da espiritualidade que se expressa como obra literária; a escrita é ato de Deus que nos provoca à decisão.” Ver: ATANÁSIO, *Apresentação*, 2002.

de compreender “os movimentos interiores da alma” (cf. Foucault, de V, p. 141 /de II, p.1235). Atanásio, ao escrever a biografia lendária e fantasiosa de Santo Antão, *Vita Antonii*, enfatiza que ato de escrever equivale a se valer de “uma arma” para derrotar o demônio, que não é outra coisa senão “um poder que engana e que faz com que nos enganemos sobre nós mesmos”. (cf. Foucault, de V, p. 142 /de II, p.1235)

Mesmo distante de esgotar as significações da escrita de si, Atanásio, contudo, já sinalizava algo importante da atitude de escrever no que toca as chances das alterações de si e, de maneira especial, quando se referem ao enfrentamento de situações críticas passadas por determinadas existências: quem tem a escrita voltada para si mesmo, com o olhar concentrado nas confusões da alma, pode trazer à luz os movimentos obscuros de um pensamento, encontrando um meio para inclusive dissipar “a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (*Idem*).

Escrever sobre os “movimentos da alma” em Foucault – sem o peso da confissão ou a pretensão de se admoestar por ter incorrido em erros e falhas, de se martirizar por sentir determinados prazeres, ou, ainda, de tentar circunscrever os melhores momentos da existência no sentido de fugir da realidade –, indica sobremaneira trazer à tona um outro ponto de vista em que se possa deslocar a si mesmo das armadilhas do *assujeitamento*, de discursos que procuram determinar quem somos ou cortar as asas da nossa imaginação diante do que sonhamos ser.

Prolongando-se a discussão sobre o papel de cuidado e de enfrentamento de situações de crise – como problemas de saúde, de preconceito etc. – que pode ser operado pela escrita, aqui também procuramos relacioná-la à produção filosófica e literária de Foucault e Hervé, respectivamente, no que diz respeito às primeiras épocas da aids. No entanto, até hoje é recorrente encontrarmos o uso de termos desmedidos, jocosos, sorofóbicos, proferindo a quem convive com o vírus da aids tanto uma sentença de morte quanto de vida. Designar a aids como “aquela doença”⁴, determinar um “grupo de risco”, e vê-lo como “portador” do mal, todas estas enunciações corroboraram, desde que o HIV foi identificado, com a construção metafórica de uma teia narrativa em

⁴ Caio Fernando abreu referindo-se ao preconceito que envolve a aids, inclusive, na dificuldade de até mesmo pronunciá-la. Entrevista ao Programa Entrelinhas da TV Cultura. Link do Youtube: <https://youtu.be/NkBDen1m4v4?si=Mwl8J61Msamv6aXD>

que ainda prevalece não apenas um julgamento, mas a aplicação social da sentença do isolamento, da limitação da vida, da vergonha e do banimento.

Para Susan Sontag, em seu texto *Aids como metáfora*, é destacado pela autora o caráter metafórico comportado pela palavra “aids”, pois, este termo funcionaria como um compilado de imagens (magreza extrema, fraqueza, promiscuidade etc.) forjado por olhares moralizantes, articulando-se nele a injunção semântica de o vírus HIV ser um castigo por comportamentos divergentes e de seus “portadores” levarem uma constante ameaça aos inocentes. Por isso, para Sontag, que durante certa época pudemos ver “o poder, a eficácia extraordinária da metáfora da peste” quando associada à aids, pois, a presença do vírus HIV em um corpo passa a ser encarada, em uma injunção metafórica, “como um castigo merecido por um grupo de ‘outros’ vulneráveis e como uma doença que potencialmente ameaça a todos”. (Sontag, 1989, p.76)

Na contramão dessas imagens negativas ligadas à aids, se aqui ressaltamos as escritas de si c o m o uma atividade de cuidado e de amizade é porque tal experiência – pelo menos assim Foucault indica compreender –, pode abrir novas perspectivas aos discursos e práticas de determinadas épocas, sobretudo, no que diz respeito ao olhar condenatório que se põe vigilante diante da sexualidade. Aqui, o ato de escrever e inscrever-se a partir do termo “aids” passa a se revelar como “arma” de combate contra narrativas (des)classificatórias e, portanto, preconceituosas. As escritas positivas⁵ de Michel Foucault e Hervé, apresentam-se então neste texto por sua força transformadora, incitando-nos filosoficamente na produção de outras paisagens, novas imagens, metáforas que se abrem para dizer das artes de viver a quem hoje vive com o vírus HIV.

⁵ Termo inspirado no livro de Marcelo Secron Bessa, *Histórias Positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*.

2 A ESCRITA DE SI COMO CUIDADO EM FOUCAULT

Foucault parte de um livro “bastante singular” para abordar o cuidado de si no contexto da obra *História da Sexualidade*. Seu terceiro tomo, intitulado “o cuidado de si”, que fora organizado às pressas para publicação em 1984 devido ao agravamento da sua saúde, começa por trazer uma análise da obra *Onirocrítica*, de Artemidoro. Mesmo que se tratasse “de uma obra de ‘prática’ e de vida cotidiana”, o que vem a chamar a atenção de Foucault neste texto é o fato de que, apesar de seu enfoque ser as práticas sexuais, nele não se evocava, em absoluto, prescrições morais. (Foucault, 2009, p.12).

O livro de Artemidoro ou o “método de Artemidoro”, datado do século II de nossa era, seria então elaborado diante da necessidade de se interpretar os sonhos para fins de cuidado, de como proceder, agir, se posicionar na cidade. Desse modo, a atividade de escrita que animava Artemidoro, “sem interrupção, noite e dia”, segundo a compreensão foucaultiana, teria como propósito traçar procedimentos interpretativos sobre os sonhos sexuais ao passo que a observância desses conteúdos poderia engendrar efeitos éticos de cuidado na vida cotidiana.

A atividade de interpretar os sonhos, como nos lembra Foucault, compunha na época clássica a experiência moral da *aphrodisia*⁶, isto é, um “bloco” de procedimentos orientado por uma série de técnicas relacionadas aos prazeres, mais precisamente, técnicas voltadas “à inquietação face aos prazeres sexuais, à relação que se pode ter com eles e ao uso que deve ser feito deles” (Foucault, 2009, p.45). Nesse sentido, as imagens de sexo produzidas durante o sono eram valorizadas e vistas como “signos da realidade ou mensagens do futuro” expressas pelos deuses, por isso interpretá-las era tão importante, pois, além de permitir enfrentar melhor os conflitos vividos, exigia que

⁶ Vale salientar que no curso *Subjetividade e Verdade* (1981) Foucault aborda em quase todas as aulas as variações das técnicas de vida do regime dos *aphrodisia*, regime que se difundiu entre os filósofos, moralistas e médicos da cultura helenística e romana dos séculos I e II de nossa era. Nos *aphrodisia*, em suas técnicas singulares de vida dadas a partir da interpretação dos sonhos, dos regimes médicos, da vida conjugal e das escolhas dos amores, por exemplo, teria se estabelecido outra maneira de relação consigo e com a verdade, visando-se a formação de si e não o conhecimento da verdade de si; em suma, tal regime era uma arte de viver em que o prazer seria levado em conta como princípio regulador e organizador da percepção ética.

o “consulente” sonhador tivesse o pensamento ocupado, vigilante, em conexão com a realidade. (*Idem*)

Se, por um lado, na época de Artemidoro, havia o hábito de se recorrer à ajuda dos “profissionais das imagens da noite” para compreender esse tipo de sonho – os sonhos eróticos –, por outro lado, era considerado de “bom tom” que aquele/a que sonhasse pudesse interpretar por “si mesmo” determinadas imagens oníricas, no sentido de conseguir extrair do conteúdo sexual sonhado um preparo adequado para enfrentar as adversidades da vida. (Foucault, 2009, p.15).

Contudo, o essencial para Foucault dessa onirocrítica antiga parece ser a extração de um modo de proceder dado a partir dos sonhos – por isso um “método” – uma *tékhnē* em que o ato de interpretar ganha destaque à medida que pode ser acessado por “qualquer um” (embora na maioria das vezes fossem homens a utilizá-la), por pessoas comuns, no caso de se necessitar de alguma orientação para proceder em determinadas situações. Por isso, quem lesse a *Onirocrítica* de Artemidoro, não deveria procurar nela “um código daquilo que convêm ou não fazer, mas sim o revelador de uma ética do sujeito” (Foucault, 2009, p.25).

Ora, a escrita de Artemidoro chega a Foucault como uma abertura histórica dada na Antiguidade em que a prática do cuidado de si foi possível a partir da análise dos prazeres sexuais. No entanto, além da *Onirocrítica* de Artemidoro, no seminário realizado por Foucault em outubro de 1982 referente às técnicas de si, na Universidade de Massachusetts, encontramos uma referência a outro livro, a saber, *Alcibíades I*, de Platão, detendo-se especificamente no passo “127d” deste texto. Foucault diz aí ter encontrado a primeira ocorrência filosófica da expressão “*epimeleisthai seautou*”, onde o cuidado de si aparece sempre como “um estado político e erótico ativo”. (Foucault, de IX, pp. 270-277/de II, p. 1608-1614)

Em termos gerais, sem entrarmos na análise detalhada de *Alcibíades*, este livro platônico traria a dimensão do cuidado como “algo mais sério” do que apenas prestar atenção em si, pois, a prática do cuidado seria composta por um conjunto de procedimentos, tais como: a preocupação com a saúde ou com posses, abarcando desde a atenção do fazendeiro em “ocupar seus campos, vigiar seu rebanho e cuidar

da fazenda” até as práticas da medicina, do cuidado que se tem com os doentes etc. (*Idem*)

Sendo assim, no que se refere ao cuidado voltado a “si”, o pronome reflexivo “si” vem a ter em Platão uma significação dupla: não quer dizer apenas sobre a prática de um autocuidado, mas também remete à dimensão da identidade, alcançada em um movimento dialético da alma. Portanto, quem cuida apenas do corpo, não tem o devido cuidado de si; “o si não é redutível às roupas, às ferramentas ou às posses”, não é apenas com atenção a estes aspectos que o cuidado pode ser operado; o cuidado em questão devia ser procurado “no princípio que permite fazer uso dessas ferramentas”, por isso o cuidado de si fundar-se no “cuidado da atividade, e não ‘no cuidado da alma como substância’”. (Foucault, de IX, p. 273/de II, p. 1610).

Ou seja, o cuidado de si formulado por Platão refere-se a uma atividade da alma, de conhecimento da alma, sendo que, segundo Foucault, o esforço que a alma se permite para conhecer a si mesmo “é o princípio sobre o qual se pode fundamentar o ato político justo” (*Idem*). A discussão do cuidado de si platônico estaria então intimamente relacionado ao princípio délfico do “conhece-te a ti mesmo”; cuidar de si significava, sobretudo, uma atividade da alma que levaria tanto a conhecer a si mesmo como a alcançar uma atitude justa no contexto amplo da *polis*.

Foucault, apesar de considerar que esta matriz platônica fosse o “pano de fundo histórico” de uma injunção entre o cuidado de si e o conhecimento da alma, no entanto, reconhece também que na Antiguidade, perto do fim do período helenístico e do Império, haveria um deslocamento paulatino de questões que envolviam a prática do cuidado. Indo além de Platão, as problematizações se davam, por exemplo, numa relação do cuidado de si mais inclinada à atividade política, à prática pedagógica ou no vínculo amoroso entre discípulo e mestre.

Mesmo com este deslocamento de questões, é a noção de cuidado de si que se tornava durante determinado tempo “um tema filosófico comum e universal”, comenta Foucault, motivando as formulações filosóficas de “Epicuro e seus adeptos, os cínicos, alguns estoicos, como Sêneca, Rufus e Galeno”, como também “os pitagóricos com a ênfase na ideia de uma vida comunitária ordenada”. Por isso, o

cuidado de si passa a ser uma “atividade difundida, uma rede de prescrições e serviços”. (Foucault, de IX, p. 274/de II, p. 1611).

Dentre os vários modos de inflexão dessa prática Antiga, Foucault também vem a destacar a escrita. Das tarefas mais recomendadas do cuidado de si encontravam-se aquelas vinculadas ao ato de escrever, tais como: “tomar notas sobre si mesmo – que poderão ser lidas – escrever tratados e cartas aos amigos para ajudá-los, conservar seus caderninhos a fim de reativar por si mesmo as verdades de que se teve necessidade”. (Foucault, de IX, p.275/de II, p. 1612).

Se o cuidado de si prevalecia em uma cena cultural oral, na esfera política, Foucault percebe que com o período helenístico, é a escrita de si que vem a se destacar; “cuidar de si caminha, doravante, com uma atividade de escrita constante” (*Idem*). O cuidado de si que se articula com a escrita, notadamente se implica a uma experiência de si, como uma forma singular de introspecção: “o si é algo sobre o que há matéria a escrever, um tema ou um objeto (sujeito) da atividade de escritura” (*Idem*).

Foucault, ainda se referindo à escrita como atividade que se liga às técnicas de si, encontra de modo especial nas cartas de Sêneca e Marco Aurélio, além da atenção aos movimentos do espírito, um detalhamento da vida cotidiana formulado pela escrita. Os detalhes da vida cotidiana que são referidos nessas cartas, por exemplo, ganham importância porque representam o traço singular de cada sujeito – “o que ele pensou, a maneira como sentiu as coisas” (Foucault, de IX, p.276/de II, p. 1613). Mesmo que para os estoicos o corpo não fosse algo muito importante – sendo privilegiado os exercícios espirituais – na perspectiva de Foucault, não deixa de ser interessante e ambíguo como no próprio estoicismo havia uma atenção considerável às questões de saúde, aos alimentos que se consumia, às dores físicas etc.

Outro assunto abordado nessas escritas de si referia-se às relações amorosas e de amizade, como a que se estabelece nas correspondências entre Marco Aurélio, à época um jovem, e o seu mestre Fronton, com cerca de 40 anos. É a arte erótica que ocupa um lugar central nestas cartas, as relações afetivas são aí debatidas por terem importância na vida social. No entanto, nas últimas linhas dessas correspondências amorosas, Foucault encontra um autoexame de consciência operado por Marco

Aurélio, realizado sempre no final do dia: relendo seu diário, o pensador antigo fazia um balanço e uma reflexão ao seu amado do que havia feito, suas prioridades e motivações, ou então o que havia negligenciado, deixado de fazer, sendo que tais missivas remontavam uma lembrança dos atos, não se detendo a reflexões especulativas e teóricas.

Para Ana Cristina Pereira, em seu estudo *O afecto na relação entre Marco Aurélio e Frontão*, a prática de autoanálise por Marco Aurélio, “acompanhou-o durante toda a vida e ajudou-o, igualmente, a fazer face às pesadas responsabilidades, foi um retiro onde pôde encontrar o equilíbrio” (Pereira, 2014, p.27). Frente a esse panorama antigo do cuidado de si, que envolve cartas, diários, blocos de notas, pequenas frases, a escrita vem a ocupar um papel relevante na medida em que quem aprende a escrever, aprende a pensar melhor, no sentido de que a escrita proporciona um modo de compreender o presente. Por isso, quem escreve voltado a si pode encontrar também um meio mais elaborado de comunicar as tensões e conflitos vivenciados, a exemplo do que se faz pelas cartas enviadas a um(a) amigo/a próximo.

De todo este contexto histórico que nos remete à escrita de si em Foucault, não podemos esquecer que ele tinha na cabeça o projeto de publicar uma coletânea de artigos que versaria sobre as práticas de si. Mesmo sem tê-la feito integralmente, dos artigos que foram publicados sobre essas práticas antigas, temos um exclusivo a tratar das escritas de si. Neste artigo, *As escritas de si* (1983), Foucault ressalta três traços dessa prática que consideramos fundamentais no sentido de diferenciá-las de escritas meramente autobiográficas.

Primeiro, o ato de escrever voltado a si surgiu em relação de complementaridade à ascese antiga, isto é, atenuando os perigos da solidão, oferecendo aquilo que se pensou a “um olhar possível”; é a própria escrita que assume o papel de uma companheira constante. (Foucault, de V, p.142/de II, 1235)

Segundo, além de uma estreita ligação à camaradagem (*rôle d'un compagnon*), a escrita de si se deteria a determinado ponto dos agonísticos movimentos do pensamento, às próprias confusões, servindo como “papel de prova de verdade” (*rôle d'épreuve de vérité*). (Foucault, de V, p.142/de II, pp. 1235-1236). Por fim, tal tipo de

escrita estaria associada à “meditação”, “exercício do pensamento sobre si mesmo que reativa o que ele sabe”, em que se faz presente “um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, os assimila, e se prepara assim para enfrentar o real”. (Foucault, de V, p.143/ de II, p.1236)

Esta modalidade de escrita antiga considerada como uma “etopoiética” (que tem efeitos sobre a maneira de agir), tal como surge nos documentos do I e do II séculos, teria duas formas principais: os *hupomnémata* e a correspondência. Quanto à escrita dos *hupomnémata*, uma espécie de diário, ganha um sentido mais amplificado do que uma simples coleção de citações ou de coisas; podendo ser antes de tudo vista como um auxílio para memória das proposições mais importantes da vida (Foucault, de V, p.145/ de II, p.1238). Vale ressaltar que os *hupomnémata* poderiam também conter notas cotidianas e reflexões pessoais, sem que fossem necessariamente citações, nos esclarecem François Ewald e Alessandro Fontana nas notas explicativas ao curso *A Hermenêutica do Sujeito* (1981/1982). (Foucault, 2010, p.330)

Em suma, os *hupomnémata* consistiam em escritos para serem guardados “*ad manum, in promptu*”, isto é, escritos sempre tidos à mão, no sentido de que, diante da indeterminação e conflito de uma situação, pudessem ser acionados prontamente. O papel da escrita, nesse caso, como Foucault adverte, seria também a de poder (re)constituir um “corpo”, não um corpo doutrinal, mas um corpo que “transforma a coisa vista ou ouvida, em força e em sangue (*in vires, in sanguinem*)” (Foucault, de V, p.145 e p.149/ de II, p.1238 e p.1241).

Quanto às cartas, ainda no contexto das práticas de si, quem as escrevia seria capaz de adquirir a capacidade “mostrar-se”, “dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. Daí a carta ser tanto um olhar que se volta para o destinatário (quando alguém recebe uma carta de certa forma se sente olhado) como um modo daquela/e que a enviasse “se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz”. Isso explica o motivo pelo qual, segundo Foucault, a carta proporcionaria um encontro face-a-face, tornando o remetente presente na vida do destinatário; “presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus

sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente como uma espécie de presença imediata e quase física” (Foucault, de V, p.152/ de II, p.1244).

De forma geral, é importante ainda observarmos que o assunto da escrita de si na obra foucaultiana indica se articular criticamente a uma hermenêutica moderna do sujeito. As técnicas de si antigas dos séculos I e II remontadas por Foucault, dentre elas, a escrita, são ressaltadas sobretudo no intuito de contestar as práticas e saberes de nosso presente. Não podemos deixar de aqui grifar que os saberes modernos com os quais Foucault se confrontava eram, contudo, vinculados a discursos com valor de verdade, na maioria das vezes, provindos das ciências sexuais, saberes que passaram a tomar de assalto “o ponto mais intenso” das vidas que estariam às margens de um quadro cisheteronormativo.

O tema da escrita de si levada a cabo por Foucault, a cada momento em que foi observado, parece surgir então como contraponto histórico a um contexto moderno de produção em larga escala de determinadas figuras humanas como monstros, anormais, perversos e infames. Desse modo, Foucault, a exemplo do que escreve sobre *A vida dos homens Infames*, diz que o mote da sua escrita que lhe provocava especial vibração era justamente ir ao encontro de existências que “se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas”, isto é, tentam escapar do soterramento subjetivo dado por palavras classificatórias e aviltantes. Daí seu questionamento: “Essas vidas, por que não ir escutá-las lá onde, por elas próprias, elas falam?” (Foucault, de IV, p.208/de II, p.241)

Ora, trazer à tona o tema da escrita de si no contexto da aids durante as últimas décadas do século XX, toma neste artigo o sentido estratégico de sinalizar as armadilhas do poder de discursos que ainda hoje tem por finalidade subjugar, assujeitar, julgar quem hoje vive com o vírus HIV. Com o ato de escrever sobre si, adverte Foucault em seu curso *A Hermenêutica do Sujeito*, na aula de 03 de março de 1982, não se trata em absoluto de compor “um mosaico de proposições de diferentes origens”, mas de se construir para si mesmo, a partir dos próprios sonhos e das esperanças, “uma trama sólida de proposições que valham por prescrições, de discursos verdadeiros” – porque ditos em acordo consigo mesmo – e que também correspondam a “princípios” de ação.

(Foucault, 2010, p. 320). E aqui completamos: princípios de ação que podem também construir bons e longos futuros a quem hoje vive sob uma condição positiva.

3 HERVÉ GUIBERT: DIÁRIO DE INTERNAÇÃO E AS IMAGENS FANTASMAS DA AIDS

Hervé Guibert, nascido em 1955, foi um escritor francês que teve sua obra marcada pelo enfrentamento dos tormentos físicos e mentais de conviver com o vírus HIV até o ano de 1991, quando sucumbiu de vez após uma tentativa de suicídio. Vindo do subúrbio de Paris, Hervé, o artesão das “imagens fantasmas”, decide, depois de ser reprovado no exame de admissão para o curso de graduação em cinema, fazer da escrita de imagens o seu ofício. Sobrevivendo como escritor e fotógrafo, além de seus livros, fazia também críticas de cinema e de fotografia para jornais, sendo que o que se apresentava como o *leitmotiv* de grande parte de sua produção literária estava em seu constante trabalho para reconstruir a si mesmo num quadro de imagens de ausência.

Doravante, essas imagens fantasmas, sendo fragmentos de sua própria existência, ressurgiam em seus textos como instantâneas capturas fotográficas, passando a se projetar em um plano ficcional que dizia, sobretudo, da arte de resistir e de se recompor diante do vazio provocado por ausências. A escrita de Hervé vem então a ser fruto, nos seus termos, do “desespero da imagem, pior que uma imagem borrada ou velada: uma imagem fantasma...” (Guibert, 2024, p.19).

O desespero dessas imagens, apresentado como se fosse através de negativos de um tempo que revelava o rosto da finitude (ou a “cara da morte”, como diria Cazuzza⁷), em grande parte, provinha não apenas do fatal surgimento de uma doença – até então pouco conhecida – que se abateu sobre uma geração inteira, mas da presença devastadora de um dispositivo sexual-moral que, na esteira da aids, sombreou, difamou e condenou muitas vidas.

⁷ Trecho da canção “Boas Novas”, de autoria de Cazuzza, referindo-se à sua luta pela vida em decorrência da aids: Senhoras e senhores/Trago boas novas/Eu vi a cara da morte/E ela estava viva - viva! /Eu vi a cara da morte/E ela estava viva - viva!

Hervé, poucos meses antes de morrer, enquanto passava pelo estado mais crítico de saúde em decorrência de uma infecção por citomegalovírus – um tipo de herpesvírus que em situações mais graves pode causar cegueira –, resolve escrever de modo precário, no limite de suas forças, um diário de internação. *Cytomègalomavirus*, publicado postumamente, foi então a compilação de imagens turvas apresentadas em um caderninho de notas no breve período em que permaneceu internado, de 17 de setembro a 8 de outubro de 1991.

Num exercício contínuo de escrita, Hervé “revia”, a cada dia de sua hospitalização, os procedimentos clínicos aos quais era submetido, sem ter o direito de recusa; descrevia as “instalações” hospitalares, comentava sobre as ordenações da equipe médica, os cuidados e os descuidos da enfermagem, as visitas e alimentação, enfim, recompunha constantemente um quadro de imagens de seu corpo “doente” e terminal atravessado por uma série de saberes e práticas que direcionavam seu tratamento.

O diário de internação, precisamente no dia 17 de setembro de 1991, começa então com uma manobra sensível para se reconectar a uma realidade de privação de sua rotina e liberdade em decorrência das recomendações dos protocolos terapêuticos, formulando a seguinte sentença: “Visão do olho direito turva. Escuto a música: ainda não estou surdo”. (Guibert, 1992, local 53, tradução nossa). Isto é, o “ainda não estou surdo” parece querer dizer a todo momento “ainda estou vivo” ou, melhor, “ainda luto pela vida e estou ligado ao mundo”.

Foi então com um modo perspicaz e direto de escrever, comprometido com o que realmente pensava e sentia, que Hervé vem a enfrentar as angústias e dores da ameaça da morte em um ambiente que se via controlado e apartado de outros espaços de convivência e da presença de amigos e familiares. Suas frases rápidas, por vezes ácidas e debochadas, em uma trama narrativa repleta de comentários desconcertantes, surgem em seu diário como a reconfiguração de um panorama de imagens, inclusive, de si mesmo, que pouco a pouco se esvaía de seu foco de visão.

Ao se sentir retido em um ambiente voltado ao tratamento de corpos adoecidos, aturdido com os gritos e gemidos de outros pacientes internados, punha-

se a criar imagens de humor para o que não conseguia suportar; quando ouvia o som enlouquecedor dos “ais” dos enfermos vindos do quarto ao lado, divertia-se em imaginar que vinham, por exemplo, de uma vaca mugindo ou de um caminhão freando.

Além desses tormentos sonoros insistentes que o invadiam, Hervé também fazia apontamentos em seu diário sobre o engessamento dos cuidados protocolares ou mesmo, em algumas circunstâncias, da sua empatia ou da antipatia com a equipe hospitalar. Punha-se também a relatar sobre as más condições de higiene de seu quarto, dos empecilhos institucionais em obter itens que poderiam aliviar o seu sofrimento, como a “dificuldade” que a enfermagem alegava em lhe conceder uma mesinha para a escrita, quando, na verdade, o móvel se encontrava a poucos metros dele.

Hervé, tocando em questões de extrema intimidade, não se furtava em contar de seu sofrimento por não conseguir mais ir ao banheiro sozinho ou tomar banho, precisando para isso da ajuda dos enfermeiros ou, também, de sua perda de peso, de ter que comer queijo cremoso com 0,5% de gordura, na medida em que já tinha perdido 20 Kg em todo seu processo de adoecimento. Escrevia, ainda, sobre o terror de imaginar ter que tomar uma injeção no olho, como do constrangimento de vestir um avental transparente para passar por procedimentos médicos ou quando o impediam de usar o seu inseparável chapéu vermelho. Além de tudo, também o afetava o fato de estar internado no momento de uma greve geral no hospital, de ver as tensões que atravessavam a vida dos profissionais que lhe prestavam cuidados.

Sendo assim, encarando-se como um corpo que definha, na posição de ter que seguir as prescrições indeclináveis da equipe médica, Hervé, no limite de suas forças, se colocava a escrever incessantemente sobre o percurso de uma luta diária pela vida. Recorrendo às suas palavras-imagens, compreendia seu corpo como se estivesse a ponto de ser esmagado por um “rolo compressor” (Guibert, 1992, posição 161, tradução nossa). Se para alguém quase cego não caia bem dizer que essa série de “intervenções” que o invadia se dava “cegamente”, no entanto, Hervé não deixava de

se rebelar contra o fato de que quase todos os procedimentos, recomendações, nesse período de internação, se davam mecanicamente.

A equipe que se alternava nos cuidados de sua saúde parecia então se guiar, quase que exclusivamente, pelos protocolos hospitalares, por isso o “rolo compressor” que o ameaçava seguia adiante, dia a dia, sem a presença de um motorista; “se não resistirmos, se não correremos, somos esmagados. Enquanto isso, é melhor ser um ser humano a ser uma papa de sangue” (Guibert, 1992, posição 161, tradução nossa), lamenta. É, portanto, na escrita dessas minúcias diárias, que o sentido de vida resistente e do cuidado de si indicavam emergir para Hervé ainda mais fortemente.

Todavia, a questão de se dispor a escrever um diário num momento tão crítico, como o período de hospitalização, não apenas equivale a um meio para dar outro ritmo ao tempo ou para escapar da solidão. Mais do que isso, a escrita, nesse caso específico, passa a se comprometer com uma ação de voltar-se a si mesmo com efeitos de reivindicação e de sobrevivência, da necessidade premente de se ver como um ser humano, de preservar a humanidade e dignidade no limite do agravamento das condições de saúde.

Escrever para Hervé num momento tão delicado indica então se formular como um incansável trabalho de recomposição da integridade de um corpo examinado, manipulado, controlado e invadido. Esse sentido de sobrevivência parece então se reafirmar quando Hervé diz em seu diário: “no início, um grande soco é dado no estômago, ainda é tristeza, desespero, você evita chorar. Depois, procuramos argumentos que possam apoiar o reflexo da vida”. (Guibert, 1992, posição 161, tradução nossa)

Não deixa de ser notável a partir dessa “construção” de argumentos que apoiavam o seu “reflexo da vida”, que Hervé procurasse por outros espaços para poder se reorientar em seus movimentos mais vitais; curiosamente, o espaço que dava vazão à sua vontade de vida era a janela ressaltada no seu diário. Assim, a pequena janela, lateral ao seu leito, tornou-se, pela atitude da escrita, um meio de contato com o fora, permitindo-lhe prolongar sua existência confinada para além das quatro paredes do quarto hospitalar.

No dia 20 de setembro, a primeira coisa que escreve é a seguinte: “Eles sempre acordam você às 7:00h. da manhã para lhe enfiar um termómetro debaixo do braço. Às oito horas, os tubos de sangue são retirados do catéter. A enfermeira da manhã parece legal. Tem penduricalhos e couro de vaca. Sol amarelo pela janela” (Guibert, 1992, posição 134-142, tradução nossa). E, ao término do dia, é a mesma janela que lhe serve de abertura para outros espaços: “Esta noite, vou deixar a janela aberta ao barulho da circulação de um boulevard periférico, na esperança de disfarçar os gritos do paciente vizinho e as conversas das enfermeiras”.

Mesmo diante de um “desfile ininterrupto de pessoas, de distribuição ou de rituais para preencher o tempo” no hospital, esse que é “o inferno” (Guibert, 1992, posição 134, tradução nossa), o enfrentamento de uma situação-limite dada na zona ténue entre a vida e a morte, indica intensificar em Hervé um processo de escritura que margeia o tão singular e, ao mesmo tempo, o tão comunicável da finitude e limitação humana. Não à toa que podemos observá-lo, diante do descuido de uma enfermeira e da possibilidade de denunciar o seu erro, a se ver confrontado com o mesmo risco de vida que pode atravessar qualquer pessoa quando realiza um “trabalho” vital:

Este risco de fazer alguém cair, de omitir seu trabalho a uma pessoa que tem forçosamente necessidade dele. Caso contrário, ela não faria isso, exceto que tivesse essa vocação: nem sequer a noção de vingança entra aí em questão, mas simplesmente a noção ética de que cada um deve fazer bem o seu trabalho. O escritor também pode cair, se de repente ele começa a escrever besteiras ou coisas inaceitáveis. (Guibert, 1992, local 161- 170, tradução nossa)

Ainda no que diz respeito a uma escrita que se coliga às práticas de cuidado e ao enfrentamento das situações difíceis que podem cruzar nossos caminhos, vale lembrar algumas notáveis passagens do livro *Ao amigo que não me salvou a vida*, publicado em 1990 na França. Além desse livro marcar a consagração de Hervé como escritor, nele se pode encontrar um pioneirismo no gênero da autoficção, isto é, um modo de escrita em que se apresenta as próprias situações da vida do autor num plano ficcional. Talvez a grande novidade dos textos ficcionais de Hervé na forma de diário, estivesse também

na capacidade de ele invocar um espaço ético de reelaboração dos sentidos de um vírus, à época com alta letalidade, que vitimou – também simbolicamente – a sua geração.

Em *Ao amigo que não me salvou a vida* é o próprio Michel Foucault que ressurgue como Muzil, revelando-se aos poucos através deste pseudônimo. Hervé, ainda tocado pela morte do seu amigo ilustre em 1984, escreve sob o sentimento de uma imensa dor:

No pátio do hospital iluminado por aquele sol de junho que se tornava a pior ofensa para a infelicidade, pela primeira vez entendi (...) que Muzil morreria, muito em breve, e essa certeza me desfigurou aos olhos das pessoas que passavam por mim, meu rosto desfeito escorria sob minhas lágrimas e se estilhaçava com meus gritos, eu estava tomado pela dor, eu era *o grito* de Munch. (Guibert, 2023, p.85)

Faz-se interessante pontuar que desde a ocasião da internação hospitalar de Foucault, Hervé passa a sentir de modo mais agudo o impacto da imposição dos saberes e práticas médicas no que diz respeito às pessoas que adoeciam em decorrência da aids. No começo da década de 1980, devido ao desconhecimento e preconceito diante desse vírus, era comum se impor o isolamento social, como também a produção de uma verdadeira atmosfera de temor provocada pela possibilidade do contágio.

Não se sabe ao certo se Hervé nessa época também já convivía com o vírus HIV, embora sentisse frequentemente alterações em sua condição de saúde. No entanto, ele também passa a expressar no seu diário, um grande incômodo por todas as restrições e recomendações que envolviam a “peste gay”, nos termos da época:

Uma enfermeira me alcançou no corredor e me disse que eu não podia ficar ali sem autorização prévia, porque não era da família, eu precisava falar com o médico para receber autorização (...) O jovem médico me perguntou quem eu era, e disse alusivamente, como se eu estivesse totalmente a par do que ele estava falando, o que não era nem um pouco o caso: ‘O senhor sabe, com uma doença desse tipo nunca sabemos muita coisa, para ser sincero, é melhor ser prudente’. Ele não me deu permissão de voltar a ver Muzil com vida (...), não estava questionando nem um pouco que eu fosse um de seus próximos, senti vontade de cuspir na cara dele”. (Guibert, 2023, p.86)

Vale observar que o fato da escrita de Hervé ir se encontrando com o assunto da aids, antes mesmo do período mais crítico de seu adoecimento, indica ter-lhe propiciado elaborações necessárias para o que viria a se configurar anos mais tarde como sua própria condição soropositiva. É um gesto forte e, ao mesmo tempo,

desconcertante, como ele narra, em *Ao amigo que não me salvou a vida*, a vergonha que sentiu ao se ver lavando a boca depois que beijou a mão de Foucault no hospital: “Voltando para a casa, ensaboei os lábios, com vergonha e alívio, como se tivessem sido contaminados (...) E fiquei tão envergonhado e aliviado que peguei meu diário para escrever isso após o relato de minhas visitas anteriores”. (Guibert, 2023, p. 84)

Portanto, o ato de escrever que se impôs a Hervé, contando de sua situação de “vergonha e alívio” por se lavar depois do beijo em Foucault, fez com que ele se sentisse duplamente envergonhado e aliviado por escrever um gesto “tão feio”, formulando a si mesmo as seguintes questões: “Com que direito eu escrevia tudo aquilo? Com que direito fazia aqueles ataques à amizade? E com quem adorava de todo o coração?” (*Idem*).

Ora, essas “transcrições ignóbeis” do diário de Hervé não por acaso lhe soaram como uma “visão”, “vertigem”, “premonição” ou “pressentimento”. Nas suas palavras, o que escrevia nessa época lhe dava “plenos poderes” ao passo que se sentiu ligado ao mesmo “destino tanatológico” de seu querido amigo filósofo. Ou seja, a escrita dessa situação de vergonha e alívio, de forma até mesmo inconsciente, indica ter sido uma espécie de preparação de Hervé não apenas para lidar com a agonia de Foucault, mas com a agonia que de fato o alcançou quando também caiu doente (*Idem*).

Diante da força dessa peculiar escrita de si que acompanhou Hervé em sua luta pela vida, Léo Schlafman, na apresentação de *Protocolo da Compaixão* (um dos últimos livros escritos por Hervé na forma de diário, sendo considerado a continuação de *Ao amigo que não me salvou a vida*) comenta o seguinte: “acorrentado à engrenagem da aids, Guibert reconstruiu a última etapa minuto a minuto. Assistiu à sua construção, que é também destruição, instantaneamente. Ao continuar escrevendo, até onde pôde, sua voz se elevou para testemunhar o destino de tantos outros...”. (Guibert, 1995, apresentação contracapa).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS– REESCREVER-SE COM A AIDS

Atualmente o vírus HIV não representa mais uma sentença de morte às pessoas que vivem com ele. Há medicações capazes de manter a carga virótica do HIV no organismo em níveis muito baixos ou até mesmo indetectável. Isto é, os medicamentos atuais, apesar de não conseguirem ainda eliminar a presença do vírus da aids, mostram-se eficientes para conter o seu avanço no corpo. Inclusive, há protocolos medicamentosos que podem ser usados para evitar a contaminação, como a PrEP e PEP⁸.

Entretanto, apesar desses avanços medicamentosos que efetivamente evitam a instauração de um quadro de doença às pessoas que vivem com o HIV, comumente ainda há uma associação perversa ou uma “implantação perversa” – para usar um termo foucaultiano – do vírus aos estigmas sociais degradantes de um arbitrário “grupo de risco”, grupo composto por pessoas promíscuas, drogadas, relapsas no cuidado de sua própria vida, irresponsáveis, inconstantes etc. Em suma, gravitando no entorno da palavra “aids” há algo a mais de um plano moral, que, com tom acusativo e condenatório, indica persistir ainda hoje.

Sem a pretensão de avaliar mais profundamente o quanto dessa discursividade desclassificatória e preconceituosa em relação às pessoas “positivas” ainda prevalece no nosso tempo, este artigo, valendo-se do argumento da escrita como um modo de cuidado e amizade, procurou trazer em destaque fragmentos de elaborações filosóficas e literárias nos primeiros tempos da aids como exemplos de uma “arma” de combate direcionada aos discursos preconceituosos e conservadores que insistem em se arvorar, sobretudo, contra as sexualidades dissidentes.

E, não apenas isto! Outro aspecto que quisemos salientar aqui, e não menos importante, foi que a atitude de escrever, em situações de crise, na experiência-limite da morte, pode inclusive se apresentar como um modo de “tratamento” não apenas de

⁸ Maiores informações sobre PrEP e PEP, consultar os seguintes sites: <https://www.invivo.fiocruz.br/saude/hiv-conheca-as-diferencas-entre-pep-e-prep/> <https://antigo.aids.gov.br/pt-br/faq/qual-e-diferenca-entre-pep-e-prep>

nós mesmos, como do estabelecimento de um laço ético e de sobrevida que liga aquel(x)s que escrevem aos enfrentamentos das intempéries de nosso tempo.

Neste texto, com o filósofo Michel Foucault, pudemos ir ao encontro da abordagem de uma escrita voltada a si mesmo, fazendo-se um elemento importante de uma prática de cuidado que se operou na Antiguidade em dois planos. No primeiro deles, a escrita de si sendo capaz de constituir uma espécie de “virtualidade física”, isto é, a escrita como possibilidade de se assimilar melhor a própria coisa na qual se pensa, na medida em que “nós a ajudamos a se implantar na alma, a se implantar no corpo, a tornar-se como que uma espécie de hábito”. E, ainda, num segundo aspecto, o ato de escrever auxiliaria a guardar determinados pensamentos à nossa disposição para que em leituras e releituras futuras de fragmentos da nossa vida cotidiana, pudéssemos ter uma visão geral de nós mesmos, no sentido de reconhecermos “essa espécie de miscelânea de signos que são tão difíceis de repartir, de distribuir como convém e, conseqüentemente, compreender” (Foucault, 2010, p.321).

Já com a escrita autoficcional de Hervé, tanto no diário que diz da internação de seu dileto amigo Muzil/Foucault, como no relato do seu próprio período de intensos cuidados hospitalares, pudemos também encontrar formulações literárias que indicam ter se dado no “choque da aids” ou, como comenta Marcelo Secron Bessa, em *Histórias Positivas*, no choque de identidade que a aids trouxe e, em alguns muitos casos, ainda traz:

Deve-se acrescentar que, pelo menos no Brasil, o diagnóstico de AIDS continua a ser um choque de identidade. Ser diagnosticado doente de AIDS é um passaporte para o outro lado, numa sociedade dividida em “nós” e “eles”. Mesmo reconhecendo que essa divisão é frágil e fluida, ela existe e marca os espaços de cada um a partir dela. (Bessa, 1997, p. 91)

É interessante observar que a escrita de Hervé, apresentada na forma de diário, ressalta-se então como um exercício de recomposição de si por autorretratos literários. Em *A imagem fantasma*, num período em que não havia relato de casos sobre a existência do HIV, Hervé trata do impacto de encarar as transformações de sua própria imagem na ocasião da renovação do seu documento de Identidade. Indo no posto de atendimento para trocar sua foto do documento, fica assustado ao se deparar com a foto anterior; um retrato destoante da sua infância, parecendo então revelar uma

pessoa completamente diferente. O choque de ver seus dois retratos de identidade o interpela a pensar: “Tudo se passou nesses dez anos. Hoje, recuso a lembrança para não anular totalmente minha vontade de viver.” (Guibert, 2024, p.53)

No entanto, algo curioso acontece com a imagem de Hervé depois que se encara vivendo com HIV. Em uma das últimas passagens de *Ao amigo que não me salvou a vida*, um livro que tratou não apenas da morte de Foucault, como também da descoberta do vírus HIV em seu próprio corpo e de sua luta para se manter vivo, afirma:

Por acaso, avistei-me num espelho naquele momento e me achei extraordinariamente bonito, embora havia meses que só enxergasse um esqueleto. Eu acabava de descobrir uma coisa: seria preciso que eu me habituasse àquele rosto descarnado que o espelho sempre me devolvia como não pertencente a mim mas ao meu cadáver, e eu teria, por cúmulo ou interrupção do narcisismo, que conseguir amá-lo. (Guibert, 2023, p.198)

Aprender a encarar a aids de outro modo, para além do hábito “moral” da condenação ou de qualquer recurso ao “cúmulo ou interrupção do narcisismo”, também pode indicar o exercício de uma constante tarefa de reescrita de si mesmo, de relações, corpos e prazeres. Reescrever-se com a aids, com a “verdade” da aids, sem pretender fazer da escrita uma atitude de confissão, indica trazer à tona a força de existências que, embora ainda estigmatizadas, são capazes de continuar seus rumos ou até mesmo mudá-los – conforme queiram ou possam –, procurando, para além do vírus, um caminho de cuidado consigo mesmo e com os outros. Como escreveu Caio Fernando abreu, no conto *Última carta para além do muro*, ao expressar sua nova condição positiva no papel:

Não vejo nenhuma razão para esconder. Não sinto culpa, vergonha ou medo. É uma corrente tão forte de amor e energia que amor e energia brotaram de dentro de mim até tornarem-se uma coisa só(...)
 Conto para vocês porque não sei ser senão pessoal, impudico, e sendo assim, preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo. Sei que você compreende (...)
 Os muros continuam brancos, mas agora são de um sobrado colonial espanhol que me faz pensar em García Lorca; o portão pode ser aberto a qualquer hora para entrar ou sair; há uma palmeira, rosas cor-de-rosa no jardim. A vida continua. E a luta continua.” (Abreu, 2014, pp. 107-109)

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. F. **Pequenas epifanias**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2014.
- ATANÁSIO. **Contra os pagãos; A encarnação do verbo; Apologia ao imperador Constâncio ; Apologia de sua fuga ; Vida e conduta de S. Antão**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BESSA, Marcelo S. **Histórias Positivas: a literatura (des)construindo a AIDS**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- DIAS, Rosimeri O.; Rodrigues, Heliana de B. C. (org). **Escritas de si**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos III: Estética, Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder e Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FOUCAULT, M. **Dits et écrits, II**. Paris: QuartoGallimard, 2017.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2009.
- FOUCAULT, M. **Subjetividade e Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- GUIBERT, H. **Ao amigo que não me salvou a vida**. São Paulo: Todavía, 2023.
- GUIBERT, H. **A imagem fantasma**. São Paulo: Ed.34, 2024.
- GUIBERT, H. **Cytomégalo vírus**. Journal d'hospitalisation. Paris: Éditions du Seuil, 1992. Ebook Kindle

GUIBERT, H. **Protocolo da Compaixão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

PEREIRA, A. C. **O afecto na relação entre Marco Aurélio e Frontão**. Orientação: Arnaldo Espírito Santo. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) – Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/20533>. Acesso em: 15/06/2024.

RAGO, M. A aventura de contar-se: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara. In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco de, Thiago Teixeira Sabatine e Boris Ribeiro de Magalhães, organizadores. **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SONTAG, S. **A doença como metáfora/aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

SOBRE OS AUTORES

Regiane Lorenzetti Collares

Professora de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal do Cariri (UFCA), em colaboração técnica no Instituto de Cultura e Arte (ICA/UFCA) e membra permanente do PROF-FILO (UFCA) e do PPGFIL (UFC).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0184228523158393>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3066-1163>

E-mail: regiane.collares@ufca.edu.br

João Heuler Agostinho de Sá

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Cariri. Bolsista do Projeto modos de subjetivação e Biopolítica/FUNCAP. Pesquisador no grupo Estranhando o gênero/UFCA. Professor de Filosofia no projeto Edifique ações PROEX/UFCA. Pesquisador na área de Ética e Filosofia política com enfoque em Teoria Queer e estudos de gênero.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6109884462184223>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-1926-4761>

E-mail: heuler.sa@aluno.ufca.edu.br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

COLLARES, Regiane Lorenzetti; SÁ, João Heuler Agostinho De. Escritas de Amizade e Cuidado nos Tempos Primeiros da Aids: Michel Foucault e Hervé Guibert. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 15, n. especial, p 5-29, out. 2024.

RECEBIDO EM: 31/07/2024

ACEITO EM: 31/07/2024

PUBLICADO EM: 15/10/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional